AFETOS DA VIDA UTERINA

Esther Frankel

Por que será que esse tema me toca tanto?
Num determinado tempo de minha vida eu não poderia evoluir mais como ser humano a menos que me apaixonasse ou tivesse filhos.
Assim aconteceu - apaixonei-me e tive filhos.
Não seria mais só fazendo terapia ou estudando que eu evoluiria na minha busca da compreensão dos mistérios da existência. Eu teria de mergulhar mais no nível visceral desta experiência que é a minha vida.
Ao mesmo tempo, eu continuava procurando me entender como filha, viajante dentro do útero de minha mãe, após ter sido concebida por este homem e esta mulher que são meus pais. Minha mãe, além de me trazer em seu ventre, carregava dentro de si o luto pela perda de seus entes queridos, estava órfã no mundo.
Como terapeuta de adultos, eu começava a buscar cada vez mais a história do indivíduo no corpo, na sua organização somática.
Como compreender manifestações atuais de certas dificuldades de pessoas que acompanho em terapia sem levar em conta o que determinados psicólogos pré-natais estudaram em termos de vida uterina? Em que estágio da formação de um corpo podemos falar de experiência, sensibilidade e memória primitiva?
A abordagem embriológica como forma de entendimento da organização somática e psíquica é a principal raiz da Biossíntese, base e inspiração do meu trabalho.

O Processo Formativo - Uma Viagem Fantástica

Para formar o corpo de uma pessoa, as células germinativas que estão embutidas nos tecidos dos pais têm primeiro que se soltar para poderem fluir livremente. Esses eventos são explosivos e culminantes. Nós podemos apenas nos maravilhar com este processo de autoformação.
O espermatozóide e o óvulo, pontos microscópicos de plasma germinativo que possuem uma história própria, começam a se locomover um em direção ao outro. O óvulo flutua pelo oviduto e é carregado por ondas peristálticas e pelo batimento dos cílios da trompa de Falópio. Quatrocentos milhões de espermatozóides nadam contra a corrente.
O rio mucoso que leva esse fantástico cardume de espermatozóides não só os alimenta como também parece abrir seu apetite e atraí-los em direção ao óvulo. O primeiro espermatozóide a fazer contato com a membrana gelatinosa do óvulo incita uma resposta desta. A membrana parece formar uma espécie de cone e fica macia o suficiente para permitir que o espermatozóide penetre no fluído interno da célula. Assim que ele tiver passado pela membrana, ela se torna impermeável a todos os outros que ficam se chocando com ela.
O flutuante mas agora fertilizado zigoto continua sua lenta viagem através do oviduto. Após trinta horas ele terá executado sua primeira divisão em duas células. Depois de seis ou sete divisões, o agrupamento celular que tem uma semana de idade se precipita em direção à parede do endométrio e lá se implanta.
A implantação se assemelha a uma aterrissagem na lua. Ronald Laing deu ênfase à importância desta transição em sua palestra intitulada "A vida antes no nascimento". Ele sugere que a implantação é equivalente à adoção e que o corpo celular implantado é de alguma forma sensível à receptividade do útero.
Segundo Laing, mitos, lendas, histórias, fantasias podem conter fortes reverberações de nossa experiência uterina. A mitologia talvez seja uma chave dessa experiência. O mito do herói que bem cedo na vida é colocado numa pequena embarcação e solto no rio até encontrar um local adequado corresponderia à jornada através das trompas de Falópio.
Se o útero é sentido como não receptivo, fantasias e pesadelos de estar sendo implantado em areia movediça podem mais tarde assombrar os pensamentos. Se o útero é receptivo, a massa celular põe efetivamente suas raízes em solo fértil. Nas metáforas de Laing, a parede do útero é o solo; o embrião, a semente; as vilosidades do córion são as raízes primárias; o umbigo em desenvolvimento é o caule; o feto é o fruto.
Ainda segundo Laing, o nascimento é o implante em reverso e a acolhida que recebemos do mundo pós-natal gera em nós uma ressonância simpática de nossa adoção primeira pelo mundo pré-natal.

A maioria das pessoas tem a sua primeira experiência de memória consciente por volta de dois anos de idade. A psicanálise nunca penetrou no tempo decorrido até esta idade porque a sua ferramenta é a linguagem. A criança de dois anos já teve 34 meses de vivência corporal, dos quais dez meses passados dentro do útero. Será que esse tempo rico e primordial, quando o organismo cresce mais rápido do que em qualquer outra fase da vida, não deixa marcas?
Em diversas formas de terapia - terapia hipnótica, terapia do grito primal, terapia reichiana, terapia com LSD - as pessoas desejam lembrar e reviver experiências que ocorreram no período pré-verbal e mesmo pré-natal.
Padrões de excitação de prazer e desprazer do feto são, de alguma forma, retidos na memória e podem ser recuperados. É possível então afirmar que este processo também irá dar forma e direção ao organismo. Neste sentido, não precisamos limitar a memória ao cérebro. Organismos sem tecido cerebral ou sistema nervoso têm experiências. Eles são sensíveis, dão respostas e atuam sobre o meio ambiente. Mesmo células individuais parecem ter algum sistema primitivo de recordação de um passado orgânico.

Fluxos de Afetos da Vida Uterina
Segundo David Boadella - criador da Biossíntese - existem três fluxos de afetos na vida uterina associados a três camadas germinativas: ectoderma (camada celular exterior da gástrula), mesoderma (folheto médio do embrião, entre o ectoderma e o endoderma) e o endoderma (camada celular interior que envolve o intestino primitivo do embrião).

1. Afeto pele fetal
Francis Mott, teórico que se dedicou ao estudo da transição da vida uterina para o mundo exterior, sugere que alguns sentimentos libidinais são gerados em toda a superfície do feto pelo movimento da lanugem em contato com o líquido amniótico. Esses pêlos macios aparecem no quarto mês da vida do feto e, de uma maneira geral, desaparecem antes do nascimento. Os movimentos fetais começam quase sempre no quinto mês. O corpo fetal passa, portanto, três ou quatro meses movendo-se nas águas do âmnion com sua lanugem ondulando-se minuto a minuto para frente e para trás.
Este afeto é a base da sensibilidade do adulto a qualquer impacto proveniente do mundo exterior, não só na superfície da pele, mas também nos órgãos dos sentidos derivados do ectoderma, particularmente olhos e ouvidos. A hiper-sensibilidade de certas pessoas à luz ou ao som poderia ter a sua origem nas dificuldades com o afeto pele-fetal. Como exemplo de sensibilidade de um ser humano no nível da audição gostaria de trazer o depoimento de um cliente:
"O som da vassoura varrendo me é familiar, prazeroso e relaxante. Som que sempre ouvi na infância e ouço até hoje quando visito a minha mãe que adora varrer sua casa deixando-a bem limpinha"

2. Afeto cinestésico
Por volta da metade da gestação, a mãe nota os movimentos mais vigorosos dentro do seu útero - os tais chamados "chutes do bebê". Os movimentos primitivos de natação do feto são protótipos dos movimentos que ele irá fazer na vida pós-natal, quando aprender a fazer resistência à gravidade. Eles são a base biológica da agressividade (do latim *aggredi*, *aggressius* - movimento para frente) que está fundamentada na mobilização dos músculos da espinha. Se os movimentos são graciosos e soltos, estão carregados de afeto cinestésico positivo e prazeroso; movimentos tensos e contraídos estão carregados de afeto cinestésico negativo e doloroso. Movimentos espontâneos possuem uma coordenação que flui naturalmente.
Os movimentos de natação do feto, os chutes do bebê, o prazer de correr e pular da criança, os movimentos coordenados do atleta adulto apresentam um grau elevado de afeto cinestésico. As dificuldades em dançar, jogar futebol e mover a pélvis poderiam ter suas origens no campo do afeto cinestésico.

3. Afeto umbilical
A terceira corrente de afetos intra-uterinos é o fluxo do afeto umbilical da placenta através do cordão umbilical para o centro do corpo do feto. Se a mãe está usufruindo de sua gravidez e está emocionalmente feliz, sua sensação de bem-estar é comunicada à criança.
O afeto umbilical positivo manifesta-se como uma sensação de bem-estar e vitalidade, um calor agradável no centro do corpo. O afeto umbilical negativo manifesta-se como uma sensação de indisposição, ansiedade, desespero e mal-estar; é uma sensação de envenenamento da fonte da vida.
No nascimento, quando o cordão umbilical é cortado, o afeto umbilical permanece como uma memória somática que pode afetar a qualidade do sentimento e a distribuição da energia do abdômen. O modo pelo

qual a criança digere os alimentos está relacionado com a maneira como ela digere os sentimentos. Gerda Boyesen - criadora da Psicologia Biodinâmica - fala sobre esta conexão na teoria da "psicoperistalsis". O fluxo do afeto no abdômen também é regulado pela forma de respirarmos e pela atividade do diafragma.

Concluindo

Para uma compreensão não somente intelectual de tudo o que foi apresentado neste artigo, convido o leitor a uma prática de reflexão e autopesquisa através da fantasia e imaginação.
Sugiro que você encontre um lugar aonde possa sentar-se quieto e relaxado. Esta prática é mais sugestiva se acompanhada de uma música suave e da observação de imagens em vídeos ou slides sobre o processo germinativo em suas diferentes fases.

Com os sentimentos despertados, procure refletir sobre as seguintes questões:
- "Como eu imagino a relação dos meus pais no momento da minha concepção?"
- "Como foi a minha gestação?"
- "Como fui recebido no momento do meu nascimento?"

Deixe que estas perguntas fiquem repercutindo em seu ser durante algum tempo e observe os seus sentimentos; veja como esta prática pode colocá-lo em contato com as idéias aqui apresentadas.

Mais perguntas:
- "Quando eu comecei?"
- "Quando eu termino?"
- "Vim de algum lugar?"
- "Irei para algum lugar?"

Estas perguntas podem desdobrar-se em outras - este é um processo de reflexão igual ao processo de desdobramento da misteriosa vida...

Referências Bibliográficas

- Boadella, D., Incarnation: Life in the womb, in Embriology and therapy, Collected Papers from Energy and Character Dorset, 1984.
- Grof, S., Realms of the human unconscious, Viking Press, 1975.
- Laing, R., D., Fatos da vida, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982.
- Lake, F., Clinical theology, Londres, 1966.
- Mott, F., Bio-synthesis, Filadélfia, 1948.

Texto disponível em http://www.biossintese.psc.br/AfetosnaVidaUterina.htm

Revisado por Maria Angela Maricondi em 09.07.09